

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Narrativas distópicas e inteligência artificial num diálogo com a educação

Dystopian narratives and artificial intelligence in dialogue with education

Narrativas distópicas e inteligencia en diálogo con la educación



Fabio Oscar Lima

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goianésia, Goiás, Brasil,

fabio.lima@ueg.br



Gisele Gomes de Avelar Bernardes

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goianésia, Goiás, Brasil,

gisele.bernardes@ueg.br

Resumo: Na realidade do mundo contemporâneo, estamos diante de um contexto em que algumas narrativas distópicas, presentes apenas nas obras de ficção científica do cinema e da literatura, agora parecem materializar-se no mundo real. O grande avanço da tecnologia proporcionou o surgimento de um novo paradigma comunicacional. Por sua vez, a inteligência artificial está cada vez mais presente no cotidiano da população e isso envolve desde tarefas básicas, até outras mais complexas, nos mais diversos aspectos da vida humana. Dessa maneira é de fundamental importância

investigar as consequências desse cenário na vida das pessoas e no contexto educacional. Nesse intuito, o projeto de extensão "Tecnologias, Educação e Sociedade: ampliando experiências", traz essa temática para estudo e discussão em grupo, visando promover reflexões acerca das narrativas distópicas que frequentemente exploram cenários futuros e problemáticos, mas que podem servir como uma ferramenta poderosa para analisar e criticar questões sociais, tecnológicas e educacionais e permitir que os participantes reflitam sobre os desafios e as consequências das inovações tecnológicas.

Palavras-chave: Distopia. Educação. Inteligência artificial.

Abstract: In the contemporary world, we face a context in which some dystopian narratives, once confined to science fiction works of cinema and literature, now seem to materialize in the real world. The major advancement of technology has led to the emergence of a new communicational paradigm. In turn, artificial intelligence is increasingly present in people's daily lives, encompassing everything from basic tasks to more complex ones, across the most diverse aspects of human life. In this way, it is fundamentally important to investigate the consequences of this scenario for people's lives and within the educational context. With this aim, the extension project "Technologies, Education and Society: Expanding Experiences" brings this theme for group study and discussion, seeking to promote reflections on dystopian narratives that frequently explore future and problematic scenarios but can serve as a powerful tool to analyze and critique social, technological, and educational issues, enabling participants to reflect on the challenges and consequences of technological innovations.

Keywords: Artificial intelligence. Dystopia. Education.

Resumen: En la realidad del mundo contemporáneo, nos encontramos ante un contexto en el que algunas narrativas distópicas, presentes únicamente en las obras de ciencia ficción del cine y la literatura, ahora parecen materializarse en el mundo real. El gran avance de la tecnología ha propiciado la aparición de un nuevo paradigma comunicacional. A su vez, la inteligencia artificial está cada vez más presente en la vida cotidiana de la población, abarcando desde tareas básicas hasta otras más complejas, en los más diversos aspectos de la vida humana. De este modo, es de fundamental importancia investigar las consecuencias de este escenario en la vida de las personas y en el contexto educativo. Con este propósito, el proyecto de extensión “Tecnologías, Educación y Sociedad: ampliando experiencias” trae esta temática para su estudio y discusión en grupo, con el objetivo de promover reflexiones sobre las narrativas distópicas que con frecuencia exploran escenarios futuros y problemáticos, pero que pueden servir como una herramienta poderosa para analizar y criticar cuestiones sociales, tecnológicas y educativas y permitir que los participantes reflexionen sobre los desafíos y las consecuencias de las innovaciones tecnológicas.

Palabras clave: Distopía. Educación. Inteligencia artificial.

Data de submissão: 01/11/2024

Data de aprovação: 01/10/2025

Introdução

No presente texto, traremos algumas discussões e referências que emergiram de trabalho realizado no contexto da extensão universitária da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Goianésia, ao longo do ano de 2024, com ênfase no diálogo entre narrativas distópicas e inteligência artificial (IA).

A extensão universitária contribui de maneira fundamental na formação do estudante acadêmico, pois aproxima mais o estudante da comunidade interna da universidade, e, principalmente, estabelece relações com a comunidade externa, ou seja, a sociedade em geral de Goianésia.

A temática em si abrange a materialização de narrativas distópicas, presentes nas obras de literatura e em produções cinematográficas atuais. Afinal, no transcorrer do século XXI, a sociedade mundial tem visto um imenso avanço tecnológico, a consolidação e posterior expansão da cultura digital no cotidiano das pessoas e, além disso, a ampla utilização da tecnologia digital na fase escolar e, concomitantemente, na graduação e na pós-graduação. As transformações tecnológicas têm, inclusive, levado a comunidade acadêmica e científica a aprofundar o debate ético em torno dessas questões, da utilização de recursos digitais pela comunidade acadêmica e, conseqüentemente, do uso da inteligência artificial (IA) no processo formativo educacional.

O projeto de extensão intitulado "Tecnologias, Educação e Sociedade: ampliando experiências" tem como objetivo analisar e discutir o impacto das novas tecnologias no cotidiano, observar sua utilidade e realizar uma crítica social. Adicionalmente, refletir, considerando a realidade do século XXI, sobre os desafios e as possibilidades do avanço tecnológico para a sociedade num mundo cada vez mais dependente das novas tecnologias.

Quanto à perspectiva teórica, buscamos aporte inicial na percepção e interpretação dos efeitos do gênero distópico, tanto na literatura, quanto em produções cinematográficas e a proposta de apresentar essa relação e inseri-la no debate científico. É necessário ressaltar que a ênfase do trabalho não está na literatura ou mesmo em filmes distópicos, mas no impacto da IA na sociedade e mais especificamente na educação. As obras distópicas colaboram no olhar crítico da realidade, não sendo, portanto, o único recurso disponível, mas o mais acessível e por isso de nossa escolha.

O caminho teórico ocorre a partir da Teoria da Aprendizagem Significativa, desenvolvida por David Ausubel, que é fundamento da proposta da pesquisa, tendo em vista que é uma teoria presente nos estudos cotidianos dos estudantes e professores da graduação, por isso o entendimento dessa teoria se faz tão importante para compreensão da realidade contemporânea.

A partir de Ausubel (2003), sua base teórica mostra que:

O conhecimento é significativo por definição. É o produto significativo de um processo psicológico cognitivo ("saber") que envolve a interação entre ideias "logicamente" (culturalmente) significativas, ideias anteriores ("ancoradas") relevantes da estrutura cognitiva particular do aprendiz (ou estrutura dos conhecimentos deste) e o "mecanismo" mental do mesmo para aprender de forma significativa ou para adquirir e reter conhecimentos. (Ausubel, 2003, n.p.)

Segundo Ausubel, o conhecimento é, por definição, dotado de significado, pois é resultado de um processo psicológico de natureza cognitiva que ocorre quando o indivíduo consegue estabelecer conexões lógicas entre novas informações e conhecimentos já existentes em sua estrutura mental. Essa construção significativa do saber depende da interação entre as ideias recém-apresentadas, as quais precisam ser logicamente organizadas e culturalmente relevantes, bem como dos conceitos prévios do aprendiz, chamados na citação de "ideias-âncora", que funcionam como base para a assimilação de um novo conteúdo.

Além disso, a aprendizagem significativa requer uma disposição mental do sujeito para compreender e integrar essas novas informações de forma ativa e consciente. Dessa maneira, o conhecimento não é meramente acumulativo ou ocorre de forma mecânica, mas é construído com base em relações estáveis e duradouras

entre conteúdos novos e anteriores, o que promove, então, uma retenção mais eficaz e funcional do saber.

Logo, essa perspectiva promove a construção ativa do conhecimento, ao invés de uma simples memorização mecânica, que fatalmente será temporária. A retenção do saber favorece a longevidade das informações pelos sujeitos e amplia sua capacidade de transferir o conhecimento para novas situações e contextos, além de estimular o pensamento crítico e reflexivo.

Em relação aos procedimentos metodológicos, recorreu-se a Severino (2017), embasamento da pesquisa bibliográfica, feita a partir dos registros disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores. Assim, os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. Nesse caminho, a pesquisa trabalha a partir das contribuições dos autores e outros estudos analíticos constantes dos textos. Este estudo está pautado, também, em Stake (2011), alinhando-se a escolha por uma pesquisa qualitativa e de caráter interpretativo.

Nesse sentido, a investigação busca abarcar a forma como os significados das relações humanas se estabelecem a partir de diferentes pontos de vista. De acordo com Ludke (2018), é fato bastante conhecido que a mente humana é altamente seletiva. É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas enxerguem diferentes coisas. O que cada sujeito seleciona para "ver" depende de sua história pessoal e, principalmente, de sua bagagem cultural. Assim, a formação

do sujeito, o grupo social ao qual pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros.

Para que a observação seja reconhecida como um método válido dentro de uma investigação científica, é fundamental que ela ocorra de forma planejada, controlada e sistemática. Isso implica a elaboração prévia de um protocolo detalhado que oriente o processo, bem como uma preparação criteriosa por parte do observador, tanto no que diz respeito à compreensão do fenômeno investigado quanto à interação com os participantes da pesquisa e com o contexto em que ela se desenvolve.

A extensão na formação inicial e continuada de estudantes da pedagogia

A extensão universitária desempenha um papel importante na formação inicial e continuada dos estudantes de pedagogia, pois ela proporciona uma relação entre a teoria aprendida em sala de aula e a prática no campo educacional, permitindo que os futuros pedagogos desenvolvam habilidades essenciais e adquiram experiências valiosas para sua formação.

Ao se tratar da formação inicial dos discentes, a extensão universitária oferece oportunidades de participar em projetos comunitários, estágios não obrigatórios e

atividades práticas que complementam o currículo acadêmico. Essa experiência os ajuda a refletir sobre as temáticas e aplicar os conhecimentos teóricos em contextos reais, promovendo uma compreensão mais profunda e prática da pedagogia.

Já na formação continuada, a extensão universitária continua a ser um importante elemento da formação, pois permite que os profissionais da educação se mantenham atualizados em relação às temáticas que estão em discussão no campo acadêmico, como as metodologias, tecnologias, inteligência artificial, práticas pedagógicas, dentre outras. Além disso, a extensão oferece um espaço para a troca de experiências e conhecimentos entre os educadores, promovendo um desenvolvimento profissional contínuo.

A extensão universitária, portanto, não apenas enriquece a formação inicial dos estudantes de pedagogia, mas também sustenta seu desenvolvimento profissional ao longo de suas carreiras, contribuindo para uma educação de qualidade e uma prática pedagógica mais eficaz.

Dentre os temas abordados nos encontros do projeto de extensão aqui mencionado, um chama a atenção: é justamente a relação, ou mesmo o diálogo entre narrativas distópicas, bem como as narrativas conhecidas da literatura, do cinema, seriados de TV e de *streaming*, mediante sua profunda conexão com a realidade do Tempo Presente, que atrai maior atenção dos estudantes acadêmicos da graduação da UEG (UnU Goianésia), egressos

da universidade, professores da rede municipal de Goianésia (GO) e, ainda, outros interessados nas temáticas que fazem parte das pautas que em desenvolvimento pelo grupo de pesquisa.

Utopia e distopia: Do irreal para a realidade

Nesta seção, exploramos os conceitos indissociáveis de distopia e utopia. Primeiramente, a palavra **distopia** tem relação com um tipo de realidade ficcional em que o ser humano vive num contexto em que o mundo tornou-se um lugar aterrorizante, sombrio; as pessoas seriam oprimidas por meio de um regime político autoritário que controlaria violentamente a população.

Considerando uma realidade distópica onde a tecnologia exerce um papel crucial, tudo é mediado por ferramentas tecnológicas e sistemas de inteligência artificial a serviço de um líder ou casta superior que trabalharia para que a exploração e o sofrimento contínuo do povo, entre outros aspectos; existiria um máximo cuidado para garantir a manutenção do *status quo* e das ações no sentido de impedir qualquer levante revolucionário dos oprimidos.

A distopia, portanto, traz uma narrativa de futuro caótico e sofrimento humano incessante, resultado não apenas de ações coletivas da humanidade, como a escalada da violência e negligência da sustentabilidade, como também a partir da construção desse sistema por lideranças

globais. No campo das Ciências Humanas e da Filosofia, esse tipo de discussão é bastante recorrente, afinal, diz respeito a um assunto que é de interesse científico, como também de interesse social, ético e moral para todos.

A narrativa distópica apresenta-se como um imaginário indesejável, pois envolveria submissão a um tipo de dominação bastante cruel e perversa. Assim, consiste em um sistema que fere a dignidade humana, ataca a democracia e as liberdades individuais dos cidadãos. Assim, consideramos os eventos do século XX, com grandes avanços tecnológicos, mas que foram acompanhados por duas grandes guerras mundiais, revoluções sociais e regimes ditatoriais, além de desastres nucleares e naturais. Se por um lado vivenciamos essa realidade no século XX, agora, em pleno século XXI, essa ameaça perdura sobre a humanidade.

De fato, já houveram regimes autoritários no passado, que exerciam controle rígido sobre as pessoas. No entanto, numa realidade distópica centrada na tecnologia, esse domínio seria consideravelmente pior em virtude da hipervigilância, mediada por sistemas de inteligência artificial e avançados sistemas tecnológicos, exatamente nos moldes daquilo que tem sido desenvolvido na atualidade.

No livro “Vigilância Líquida”, Zygmunt Bauman (2013), traz elementos que nos ajudam na tarefa de analisar aspectos da vigilância que ocorrem em nossos dias.

A vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno; e, na maioria dos países, as pessoas têm muita consciência de como ela as afeta. Por toda parte, viajantes em passagem por aeroportos sabem que precisam atravessar não apenas o controle de passaportes em sua versão do século XXI, mas também por novos dispositivos, como escâneres corporais e aparelhos de checagem biométrica. (Bauman, 2013, n.p.)

Na análise desse autor (*Ibid*), há outros tipos de vigilância, relativos a compras rotineiras e comuns, acesso online ou participação em mídias sociais, que também se tornam cada vez mais onipresentes. O autor menciona, ainda, a necessidade de expormos documentos de identidade, inserir senhas e usar controles codificados em numerosas situações. Por fim, cita o site de buscas Google que, entre outras questões, registra nossas buscas para fins de *marketing* (Bauman, 2013).

A construção e estabelecimento de uma “sociedade de câmeras” já ocorre há algum tempo e, com o advento da internet, dos *smartphones*, *tablets*, relógios inteligentes e outros *gadgets*, emergem outros mecanismos de controle social que estão a serviço das autoridades, sociedade em geral e de grandes empresas da área de comunicação: as *Bigtechs*, que estabelecem um mercado lucrativo a partir do recolhimento, processamento e venda de dados de usuários.

Assim, há uma escalada de contextos que envolvem o uso da tecnologia digital para fins de manipulação midiática, ataques à democracia e controle

social através da internet, especialmente através das mídias sociais, que conseguem atingir mais de 5 bilhões de pessoas, cerca de 62,3% da população mundial (O Globo, 2024).

No que concerne à oposição da distopia, a **utopia**, recorreremos ao Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, que considera as contribuições de Thomas More à discussão da temática.

Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico, no qual relatava as condições de vida numa ilha desconhecida denominada U.: nela teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer tentativa análoga, tanto anterior quanto posterior (como a República de Platão ou a Cidade do Sol de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso de realização difícil ou impossível. (2007, p. 987)

A produção de More se apresenta como um dos livros clássicos para introdução e compreensão do conceito. Em “Utopia”, nos deparamos com o ideal de sociedade para sua época, considerando desde o papel dos cidadãos até a organização política, unidade monetária, a educação e as relações interpessoais, como o casamento; o equilíbrio imaginário em sua totalidade, livre de grandes mazelas sociais. Por isso, o conceito de utopia refere-se a um mundo ideal ou mesmo fantástico que não poderia ser alcançado e, portanto, não poderia ser efetivamente vivenciado pelo ser humano.

A etimologia da palavra, **utopia**, ao pé da letra, tem o significado de “lugar que não existe”, reforçando sua impossibilidade. Ressalta-se aqui que, à época do desenvolvimento da obra por More, lançada em 1516, esse mundo idealizado estaria muito mais presente no discurso religioso para o além-morte do que na vida real e a abordagem do autor buscou romper com essa perspectiva.

É justamente a forma como articula o argumento utópico, estabelecendo uma nova organização política a partir da crítica à política inglesa de sua época, que torna o texto de More absolutamente inovador em relação aos seus antecedentes, rompendo com a tradição milenarista ao apresentar uma sociedade ideal que dispensa a vinda do Salvador para existir, e que, pelo contrário, é fundamentada numa nova organização social e na criação e cumprimento de leis que efetivem tal organização. (Figueiredo, 2015, p. 327)

Entende-se, portanto, que a utopia trata-se de uma realidade social na qual todas as pessoas desfrutariam de um padrão de vida ideal, fundamentado em leis justas, sem a presença da desigualdade, fome, guerras e pobreza. Pela perspectiva clássica, a possibilidade de um mundo utópico se baseava no alcance da racionalidade pela humanidade, a separação da razão de amarras e divisores sociais (como a religião) e a priorização de uma perspectiva pautada na ciência e na compreensão concreta do mundo. Assim,

A concepção era que, através do domínio científico da natureza e da organização do mundo a partir da razão (e aqui excluem-se definitivamente os mitos e a religião), o ser humano estaria finalmente liberto do elo de necessidade e medo inspirados pela natureza e do seu próprio lado sombrio (HARVEY, 2008, p. 19). Assim seria construída a nova e melhorada ordem mundial, onde finalmente conseguiríamos viver o nosso pleno potencial e construir um novo mundo. (Portela, Pinto, 2019, p. 122)

Nesse modelo idealizado, as instituições e a própria sociedade estariam comprometidas com o desenvolvimento social, bem-estar coletivo e harmonia. Nesse sentido, a desigualdade social seria erradicada a partir do próprio esforço humano para o progresso sociopolítico e sustentável. Marilena Chauí (2008) corrobora a perspectiva de Thomas More, que se sustenta por uma perspectiva humanista.

O humanismo exalta a razão humana, a lógica e a experiência no plano do conhecimento, e a vontade no plano da ação, isto é, o poder para dominar, controlar e governar os apetites e as paixões. O homem é, pois, capaz de guiar-se a si mesmo, desde que, por meio da razão e da vontade, estabeleça normas de conduta e códigos para todos os aspectos da vida prática. Essa idéia da racionalidade e do poder da vontade conduz a duas outras idéias, essenciais para o surgimento das utopias: a de que os homens valem por si mesmos, independentemente de privilégios de nascimento e sangue, de maneira que a oposição entre ricos e pobres é injusta e fonte das revoltas que destroem os Estados; e a de que é possível organizar um Estado sereno, feliz, glorioso e perfeito, fundado na equidade e dirigido por um verdadeiro príncipe. (Chauí, 2008, n.p.)

Nessa direção, ressaltamos que o “mundo dos sonhos” apresentado como utopia seria uma realidade inalcançável para o ser humano. Entende-se que a atual ordem mundial é pautada na desigualdade social e na exploração do trabalho, o capitalismo. De um lado, há uma minoria que recebe benefícios, favores e incentivos do Estado e que rege os meios de produção; por outro, há a massa trabalhadora, que vive sob condições precárias, baixa remuneração e com pouquíssimas oportunidades que viabilizassem a ascensão social, seu objetivo está na produção de capital para a classe burguesa, acumuladora de riquezas.

Essa dicotomia social é denominada e desenvolvida pelo teórico Karl Marx como luta de classes, pensador do século XIX, cuja obra possui relevância até os dias atuais. A **luta de classes**, como elemento de suma importância dessa linha teórica, é um conceito que deve ser analisado no processo histórico, em especial em estudos que observem o *modus operandi* do capitalismo, bem como suas contradições. O viés materialista deve ser evocado em estudos investigativos sobre educação, em uma ênfase econômica e suas implicações no aspecto social, no caso, os privilégios da burguesia e da exploração da classe trabalhadora. A partir do Dicionário do Pensamento Marxista, vemos:

A tarefa da análise marxista hoje é enquadrar essas diversas lutas em uma teoria coerente e determinar empiricamente a importância específica das lutas de classes em condições estruturais e históricas diversas. Isso exige também, como demonstram vários estudos marxistas recentes, um reexame da luta de classes no final do século XX, não mais em termos de uma confrontação exclusiva entre burguesia e proletariado, mas antes em termos de alianças entre vários grupos sociais que, de um lado, dominam e dirigem a vida econômica e social e, de outro, são subordinados e dirigidos. (Bottomore, 1988, n.p.).

A desigualdade social, cujo surgimento Marx atribui ao descompasso entre a classe trabalhadora e a classe burguesa, é uma das características intrínsecas ao gênero da distopia. Logo, embora o viés teórico principal deste trabalho não esteja pautado no marxismo, reconhece-se a contribuição desse pensamento para compreender, também, o conceito de distopia. Marx compreende que no sistema capitalista trabalha-se para manutenção da ordem social vigente que, bastante injusta, consiste no sistema em que os trabalhadores têm sua força de trabalho explorada por valores injustos, assim servindo classes mais abastadas através de trabalhos domésticos e operacionais de baixa remuneração. A educação, portanto, visa a formação profissional e mecanizada dessa mesma massa, preparando-a não para a conscientização, mas para perpetuação da exploração e opressão.

Na relação entre distopia e tecnologia, ao explorar o catálogo de serviços de *streaming*, há uma amplitude de

obras que exploram a distopia com base em uma sociedade ultratecnológica. Antes de chegar às telas, porém, muitas das narrativas distópicas estavam presentes há muito tempo na literatura. O gênero distópico resultou em diversas produções literárias que, além de fazer analogias à ordem sociopolítica vigente, desenvolvem a ruptura de uma realidade pautada na injustiça por líderes ou grupos políticos organizados. Algumas das produções citada derivam de livros, outras são originais, a saber:

FILMES E SÉRIES COM NARRATIVAS DISTÓPICAS

1984; Admirável Mundo Novo; A vigilante do amanhã; Blade Runner: o caçador de andróides; Black Mirror; Divergente; Equilibrium; Elysium; (Eu, Robô); Extinção; Fahrenheit 451; Inteligência artificial; Jogos Vorazes; Mad Max; Matrix; Metropolis; Minority Report; Oblivion; Não Olhe Para Cima; O Exterminador do Futuro; O Livro de Eli; O Preço do Amanhã; Os 12 Macacos; The Handmaid's Tale (O Conto da Aia); V de Vingança.

À vista disso, este estudo considera os pontos em comum entre as obras que se relacionam com características do conceito de distopia: 1) futuro sombrio na história da humanidade; 2) uso da tecnologia em favor do poder dominante; e 3) uso da força e da opressão para fazer prevalecer os seus interesses na sociedade.

Essa discussão abarca o tópico **distopia e tecnologia**, cuja relação inicialmente só poderia ser vista a partir de obras de ficção científica, mas que agora acabam por materializar-se também em nosso cotidiano. Embora a bem da verdade isso seja mais perceptível apenas para

quem, com base em um pensamento crítico bem desenvolvido, possa perceber as nuances entre a atualidade e as obras que exploram a questão. Em virtude dos riscos à estabilidade social não serem admitidos como resultantes do desenvolvimento tecnológico, acabam passando incólumes por milhões de pessoas.

Nesse caso, o que faria a diferença seria a difusão do conhecimento como recurso indispensável na produção de pensamento científico sobre os aspectos da distopia, que saem de narrativas imaginárias de ficção científica para as redes sociais, plataformas de *streaming*, entre outras, investigando, assim, quais os aspectos da vida humana estão presentes em ambas narrativas (ficcional e realidade) e como são tratados.

O conhecimento, de acordo com Dicionário Michaelis On-line: “Ato ou efeito de conhecer; o ato de conhecer por meio da razão e/ou da experiência; cognição; processo pelo qual se adquire um saber intelectual”. Nesse sentido, o conhecimento pode trazer para as pessoas, a capacidade de perceber e interpretar os fatos sociais, estimular a percepção da realidade que permeia a nossa vida, é um dos mais significativo. A partir do pensamento crítico e da análise do contexto atual, compreende-se que os fatos decorrentes da interação entre distopia e tecnologia implica em consequências para determinados grupos sociais, mas não para outros.

Ao longo da primeira metade do século XX, houveram levantes autoritários ligados ao fascismo em suas

diferentes nuances, a começar pela Itália de Mussolini, depois a Alemanha nazista, Espanha (Franquismo, do General Francisco Franco) e Salazarismo em Portugal, os quais favoreceram uma reação no campo da literatura através da elaboração de obras de conteúdo distópico.

Esses exemplos reforçam um caráter interessante da distopia. Apresentado como um futuro imaginário de caos social,

[...] diversas vezes, a distopia é considerada apenas por este aspecto, quando o grande peso da sua crítica se encontra na reflexão do presente, transportada para um **lugar-nenhum**, em um tempo **ainda inexistente**. Excluindo as possibilidades, o que resta é a porção ameaçadora do hoje. Curiosamente a distopia parece fazer uma espécie de exercício de metamodernismo onde a contemporaneidade, e por ela podemos também entender pós-modernidade, narra e critica a si mesma. (Portela, Pinto, 2019, p. 126, grifos dos autores)

Assim, Beliato e Oliveira (2022) apresentam as plataformas digitais como uma ferramenta utilizada para fortalecer a superestrutura do capital na atualidade, considerando a era tecnológica. Por esta perspectiva, exploramos os aspectos distópicos da contemporaneidade, considerando o surgimento de movimentos neofascistas e a regressão de pautas sociais, que se sustentam no uso da tecnologia digital para difusão e manutenção de uma ideologia exploratória no capitalismo.

Na atualidade, as redes digitais passaram a ser espaços bastante utilizados para disseminação de *fake news*,

com fins de desinformação e assassinato de reputação. No caso do cenário político brasileiro, as plataformas são abordadas, inclusive, como um meio de comunicação para planejar e executar ataques à democracia e golpes de Estado.

Citamos, ainda, o chamado **tecnofascismo**, termo cunhado para se referir ao amplo uso da internet e das redes digitais para colocar em risco a democracia. Sobre o termo:

O tecnofascismo pode ser compreendido como um fenômeno no qual o avanço tecnológico e a concentração de poder em mãos de algumas poucas empresas gigantes convergem, resultando em um ambiente em que a liberdade individual e a democracia são ameaçadas pela coleta massiva de dados pessoais que alimentam um ecossistema de vigilância em larga escala. (Beliato; Oliveira, 2022, n.p.)

Resgata-se aqui a ideia de vigilância, crucial para relacionar a distopia e a realidade. Na contemporaneidade, observa-se a vigilância nos espaços coletivos, como instituições bancárias, lojas, repartições públicas, *shoppings*, meios de transporte, enfim, por locais onde há um sistema que monitora o comportamento social. Na esfera privada, há famílias que colocam câmeras em suas casas e condomínios; o tempo inteiro estamos sendo filmados. Pode-se citar, ainda, o reality show televisivo Big Brother Brasil (BBB), conforme dito pela Rede Globo: “A casa mais vigiada do Brasil”.

Na segurança pública, há câmeras de monitoramento que vigiam as ruas do centro da cidade; nas

viaturas, há câmeras, e, ainda, o polêmico uso de câmera nos uniformes dos policiais, a fim de coibir abusos de autoridade e prática de crimes por parte dos agentes de segurança. As câmeras também estão presentes em salas de aula para vigiar o comportamento de professores e alunos e, no caso da ocorrência de qualquer tipo de problema ou conflito, as imagens seriam utilizadas para elucidar a situação.

Dentro da educação, existe um debate ético em torno da hipervigilância em sala de aula, que de fato terá ônus e bônus a serem considerados, de modo que possa se fazer uma análise mais justa e imparcial. Essa vigilância em excesso é algo que de certa maneira incomoda, entretanto, em praticamente todas as esferas da vida em sociedade, o tipo de controle já está estabelecido. Então, para que isso esteja mais presente nas salas de aula de todo país, ao que tudo indica, é uma questão de tempo.

Apresenta-se, portanto, o contraste entre um futuro utópico previsto por gerações passadas e a realidade que apresenta tantos aspectos da distopia. A caminhada para o progresso, em que a humanidade faria uso do saber científico para erradicar a desigualdade, a fome e a exploração do trabalho, deu lugar para um contexto onde a tecnologia é utilizada como ferramenta de opressão.

Ainda que houvesse um esforço para acreditar na resolução de conflitos sociopolíticos e da degradação ambiental, a crença em utopias não se sustenta à vista da dura realidade social. Logo, se a chance para que o rumo da

humanidade seja de progresso está fora de cogitação, o que se estabelece é uma perspectiva coletiva de futuro distópico.

Numa outra perspectiva, o povo segue alienado, cego e idiotizado; apesar das tragédias, as pessoas não conseguem perceber a importância de questões humanitárias, da pauta ambiental e da importância da preservação dos Direitos Humanos. Há muitas pessoas que seguem líderes grotescos, que fazem uso da manipulação midiática para fins escusos, tornando seus seguidores marionetes a serviço de uma ideologia nefasta que semeia o caos social.

Há que se reconhecer o papel da internet na disseminação na doutrinação do “cidadão comum”, fazendo-o perder a autonomia e como este, voluntariamente, permitiu a introdução de um ideal sombrio, transmitido diariamente pela internet. O receptor abandona a subjetividade humana, reproduzindo conceitos prontos que respostas que devem ser utilizadas em debates na internet. Surge, portanto, uma dependência das ideias e perspectivas de terceiros, pois já não se consegue pensar por conta própria.

Considera-se que essa situação emerge, primeiramente, de se ignorar o bom senso, da civilidade e da educação, além do respeito por si e pelo semelhante, para dar lugar a um indivíduo mais intolerante, raivoso e violento.

Inteligência artificial e educação

Nesse momento do século XXI, houve um avanço considerável da tecnologia digital, o que afeta a vida da população mundial por completo. O nosso cotidiano está mais *hightech*, isso quer dizer que o uso de dispositivos eletrônicos e sistemas de inteligência artificial estão mais presentes em nossa vida por toda parte e em diferentes situações.

Os aspectos mencionados remetem às ideias de Gilles Deleuze, no que chamou de “sociedade de controle”, onde são usados mecanismos voltados para o controle social. O conceito “sociedade de controle” foi desenvolvido por Deleuze no texto “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” (*Post-scriptum sur les sociétés de contrôle*), publicado originalmente em 1990 na revista francesa *L'autre journal* e traduzido para o português em diversos livros e coletâneas.

No contexto atual, computadores passaram a influenciar a vida das pessoas através das redes digitais. Há uma aparência de normalidade, contudo, todas as atividades humanas são integralmente monitoradas. Dos primeiros computadores, pesados e estáticos, resultaram os atuais *smartphones*, leves, portáteis e conectados à rede mundial de computadores de qualquer lugar - casa, escola, trabalho, restaurantes, academias, etc. Se antes as pessoas poderiam desligar o computador e seguir com a vida fora do

aparelho, atualmente, elas utilizam relógios inteligentes para monitorar, entre outras partes da rotina, a qualidade do sono, estabelecendo controle absoluto de sua rotina.

Aqui, a vigilância e controle extrapolam uma abordagem clássica explorada pelo francês Michel Foucault. Para Foucault, o controle social e poder envolvem o projeto arquitetônico, estrutura, normas e regras, rotina e adestramento. O ser humano, portanto, sente-se vigiado e mantém a disciplina para evitar a punição - uma simplificação da ampla discussão desenvolvida por ele em “Vigiar e Punir”, publicado pela primeira vez ainda em 1975. A disciplina, ou o ato disciplinar, pode ser visto como um tipo de poder e, por ser assim, a sociedade disciplinar seria um espaço no qual ações, instrumentos e técnicas voltam-se para o disciplinamento social do sujeito para manutenção do poder vigente.

Na sociedade de controle, o fator mais importante não seriam as instituições disciplinadoras, mas o poder exercido a partir delas. Há uma dependência dos recursos tecnológicos, ou seja: máquinas, sistemas de automação, artefatos digitais e inteligência artificial. Tarefas do dia a dia foram transportadas para o digital por meio do desenvolvimento de *softwares*, aplicativos de navegação e organização, espaços de trabalho e estudo digitais - pouco se faz sem aderir aos artefatos tecnológicos. Realmente, como foi analisado por teóricos da área de tecnologia, a máquina passou a funcionar como se fosse uma extensão do corpo humano.

Antes de tratar a respeito da inteligência artificial, foi necessário recorrer a Enciclopédia Digital de Significados para trazer uma explicação no sentido da palavra “inteligência”, que foi define-se como “um conjunto que forma todas as características intelectuais de um indivíduo, ou seja, a faculdade de conhecer, compreender, raciocinar, pensar e interpretar.”¹

A inteligência é um diferencial humano em relação aos animais irracionais que estão presentes na fauna brasileira e mundial. Embora haja animais dotados de certas habilidades, o desenvolvimento dessas e o desnivelamento com outras capacidades intelectuais são incomparáveis com o potencial das pessoas. Já na comparação em relação a inteligência artificial, não há a capacidade no homem de guardar em sua memória um gigantesco volume de dados informações, mas a criatividade e a capacidade de inovação do ser humano é algo praticamente ilimitado.

Para definir inteligência artificial (IA), recorreu-se à definição da Comissão Europeia *Artificial Intelligence for Europe*, realizada em Bruxelas em 2018. No documento, IA “aplica-se a sistemas que apresentam um comportamento inteligente, analisando o seu ambiente e tomando medidas — com um determinado nível de autonomia — para atingir objetivos específicos”².

¹ Acesse em: <https://www.significados.com.br/inteligencia/>.

² Citação original em inglês: “Artificial intelligence (AI) refers to systems that display intelligent behaviour by analysing their environment and taking actions – with some

Neste caso, é interessante observar que a IA tem uma atuação semelhante a capacidade humana, mas que não possui as mesmas condições que uma pessoa de desenvolver ideias e produtos, afinal, depende de dados e informações já disponíveis, ou seja, não seria capaz de desenvolver criações inovadoras, pois depende de base de dados ou sistema de informações já existentes.

Conforme o artigo "ChatGPT: potencialidades e riscos para a educação", de Mariano Pimentel e Felipe Carvalho, algumas considerações relevantes emergem acerca da capacidade da inteligência artificial, como descrito a seguir:

O ChatGPT produz novos textos com base no processamento de uma enorme quantidade de textos anteriores, afirmações e pontos de vista, por isso é capaz de escrever sobre praticamente qualquer assunto. Contudo, como resultado da trituração e moagem dos textos humanos, acaba produzindo um texto "pasteurizado", "sem alma", "basicão" e outras caracterizações que já ouvimos sobre suas redações com estilo formal e conciso, estruturadas em introdução-desenvolvimento-conclusão. Como baseia-se nas afirmações mais recorrentes, seus textos não apresentam ideias muito inovadoras ou inquietantes, e sua estilística não surpreende. (Pimentel, 2023, n.p.)

De fato, o ChatGPT, plataforma de inteligência artificial que gera conversas a partir de *prompts* do usuário, não é nenhum gênio ou literato de uma imensa capacidade inventiva e criativa que o levasse a ser indicado para receber o prêmio Nobel de Literatura ou qualquer tipo de honraria

degree of autonomy – to achieve specific goals." (Artificial Intelligence for Europe, 2018, n.p.)

semelhante. Na realidade, a subjetividade humana, a sensibilidade e os *insights* criativos não podem ser desenvolvidos por uma máquina ou sistema de inteligência artificial, apenas reproduzidos.

O ChatGPT tem sido protagonista enquanto IA, embora tenham surgido outras concorrentes produzidas para também compor esse mercado, como o *Google Gemini*, entretanto, não são tão conhecidas e aos poucos estão em busca de um maior espaço no setor e tornam-se mais conhecidas.

Em sua operacionalidade, cabe destacar como o ChatGPT tem sido usado por professores na elaboração de planos de aula e planos de ensino, produção de textos e livros. Questionamos como tal uso configura a prática de plágio, logo, ninguém poderia receber honorarias por uma obra feita com auxílio da inteligência artificial. Além disso, no cotidiano de escolas e universidades são apresentados trabalhos feitos com uso de IA, aprofundando o debate ético acerca de seu uso.

A contradição se estende quando, por meio dessa mesma ferramenta, professores verificam se os trabalhos fizeram uso do recurso, e até mesmo a dimensão e intensidade desse uso. A confiabilidade na ferramenta é questionável e a própria empresa criadora, OpenAI, alerta sobre como ela pode cometer erros, mentir para completar tarefas, distorcer e inventar informações, além de temer as implicações éticas desse comportamento (Martins, 2023).

Assim, a discussão ética sobre o uso da inteligência artificial em diferentes áreas do conhecimento se estabelece. No contexto do estudo científico da tecnologia, por exemplo, sempre haverá discussões éticas em torno dos limites da ciência. Questiona-se, portanto, até onde a inovação científica-tecnológica poderia avançar sem comprometer o respeito pela dignidade humana, levando pesquisadores a irem além do que é permitido na tentativa de prolongar a existência humana.

Vale mencionar que a tecnologia é a base da pesquisa e do trabalho nas áreas de biotecnologia, ciência da computação, engenharia da computação, nanotecnologia, neurotecnologia, tecnologia da informação e tantas outras ramificações. Destacamos o fato de todos esses campos trabalharem juntamente com o setor tecnológico, o que frequentemente se relaciona a questões éticas e ao risco de conceder funcionalidades avançadas demais para os sistemas de IA.

No campo educacional, o diálogo estabelecido entre a educação e as tecnologias possibilita estudos e pesquisas acerca de aplicativos e *softwares* educativos, uso de *games* na educação, conteúdos através de animação, desenhos e filmes para fins educativos, comunicação e educação, ambientes virtuais de aprendizagem, educação à distância, etc. A discussão sobre inteligência artificial, portanto, também representa um importante fator para o diálogo.

Considerações finais

Os conteúdos relacionados ao estudo de distopias, avanço tecnológico, sociedade de controle e inteligência artificial fazem parte de um mesmo contexto, afinal, na realidade do século XXI, a humanidade se torna cada vez mais dependente do uso das novas tecnologias em diversas tarefas do cotidiano.

Ao analisar as narrativas distópicas, foi possível perceber a relação estreita entre distopia e tecnologia, que resultam numa categoria de estudos que está presente em diferentes campos do saber. Hoje, muito daquilo que poderia ser visto no passado apenas em realidades distópicas imaginárias, começa a se materializar na vida real e, devido ao encontro entre realidade e distopia, gera preocupação entre os estudiosos da temática.

Em cenários futuristas distópicos, o avanço da tecnologia frequentemente produz governos autoritários que, para exercer um controle integral sobre a população, fazem uso de práticas, recursos e técnicas que estão relacionadas ao conceito de “sociedade de controle”. Assim, sistemas computacionais avançados são usados para manipular e, ao mesmo tempo, controlar e vigiar cada indivíduo em sua rotina diária, submetendo, inclusive, sociedades inteiras à hipervigilância.

Realmente, a possibilidade da tecnologia e o grande avanço de máquinas controladas por IA se voltarem contra o ser humano é assustadora, refletindo o enredo de

filmes de ficção científica. Levanta-se um debate ético em torno das consequências do avanço tecnológico sem um devido controle e, acima de tudo, a preocupação em salvaguardar a existência humana. Portanto, reforça-se aqui a necessidade de estabelecer cautela e limites no uso das novas tecnologias.

Na educação, há uma preocupação latente em relação aos maus usos da IA em relação ao plágio, a apropriação de produções intelectuais pela IA e como as pessoas deixam de refletir, idealizar e produzir suas próprias criações intelectuais, ou seja, deixem o pensar para as máquinas controladas por sistemas de inteligência artificial, afetando, portanto a aprendizagem significativa. Apesar disso, como já mencionado ao longo desse artigo, a criatividade humana é algo ímpar. Os atuais modelos de inteligência artificial não são capazes de superar o que a humanidade produz a partir de sentimento, sensibilidade e da própria subjetividade humana.

Finalmente, ressaltamos como as discussões abordadas no projeto de extensão envolvendo os temas supracitados aguçam o imaginário dos participantes, trazendo reflexões e propiciando um pensamento crítico sobre as tecnologias e como essas podem ser utilizadas de modo a colaborar com o conhecimento humano.

Referências

ABBAGNANO, NICOLA. **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2007.

AUSUBEL, DAVID. **AQUISIÇÃO E RETENÇÃO DE CONHECIMENTOS: UMA PERSPECTIVA COGNITIVA**. LISBOA: PLÁTANO, 2003.

BAUMAN, ZYGMUNT; LYON, DAVID. **VIGILÂNCIA LÍQUIDA**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2013.

BELIATO, ARACELI MARTINS; OLIVEIRA, DIOGO MARIANO CARVALHO DE. DEMOCRACIA EM CRISE, DISCURSO DE ÓDIO E FAKE NEWS NA ERA DO CAPITALISMO DIGITAL. IN: BELIATO, ARACELI MARTINS; BORGES, AMANDA TAVARES; HAGE, CAMILLA (ORG.). **CRIMES DE ÓDIO E INTOLERÂNCIA: PERSPECTIVAS PARA EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL**. LEME: MIZUNO, 2022, p.79-100.

BOTTOMORE, T. B. **DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA**. 2º ED. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1988.

CHAUÍ, MARILENA DE SOUZA. NOTAS SOBRE UTOPIA. **CIÊNCIA E CULTURA**, v. 60, n. SPE1, p. 7-12, 2008, DISPONÍVEL EM:
[HTTP://CIENCIAECULTURA.BVS.BR/SCIELO.PHP?PID=S0009-67252008000500003&SCRIPT=SCI_ARTTEXT](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext).

COMISSÃO EUROPEIA. COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO AO PARLAMENTO EUROPEU, AO CONSELHO EUROPEU, AO CONSELHO, AO COMITÊ ECONÔMICO E SOCIAL EUROPEU E AO COMITÊ DAS REGIÕES: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA A EUROPA. BRUXELAS: DIREÇÃO-GERAL DAS REDES DE COMUNICAÇÃO, CONTEÚDOS E TECNOLOGIAS, 25 ABR. 2018. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://EUR-LEX.EUROPA.EU/LEGAL-CONTENT/PT/TXT/?URI=CELEX%3A52018DC0237](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A52018DC0237). ACESSO EM: 3 SET. 2025. ACESSO: 10 JUN. 2025.

DELEUZE, GILLES. **CONVERSÇÕES**. TRADUÇÃO DE PETER PÁL PELBART. SÃO PAULO: EDITORA 34, 1992.

FIGUEIREDO, C. D. DE. DA UTOPIA À DISTOPIA: POLÍTICA E LIBERDADE. EUTOMIA REVISTA DE LITERATURA E LINGÜÍSTICA, v. 1, n. 3, 2009. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/EUTOMIA/ARTICLE/VIEW/1821](https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821)

LÜDKE, MENGA. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO**: ABORDAGENS QUALITATIVAS / MENGA LÜDKE, MARLI E. D. A. ANDRÉ. - [2. ED]. - [REIMPR.]. - RIO DE JANEIRO : E.P.U., 2018.

MARTINS, F. CHAT GPT-4: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL MENTE PARA COMPLETAR TAREFA E GERA PREOCUPAÇÃO. CNN, 2024. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.CNNBRASIL.COM.BR/TECNOLOGIA/CHAT-GPT-4-INTELIGENCIA-ARTIFICIAL-MENTE-PARA-COMPLETAR-TAREFA-E-GERA-PREOCUPACAO/](https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/chat-gpt-4-inteligencia-artificial-mente-para-completar-tarefa-e-gera-preocupacao/)

MICHAELIS. **DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. VERBETE: CONHECIMENTO. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://MICHAELIS.UOL.COM.BR](https://michaelis.uol.com.br). ACESSO EM: 2 JUN. 2025.

MORUS, TOMÁS. **A UTOPIA**. PORTO ALEGRE, RS: LP&M, 1997.

PIMENTEL, MARIANO; CARVALHO, FELIPE; CHATGPT-4, OPENAI. **CHATGPT**: POTENCIALIDADES E RISCOS PARA A EDUCAÇÃO. SBC HORIZONTES, 8 MAIO 2023. ISSN 2175-9235. DISPONÍVEL EM: [HTTP://HORIZONTES.SBC.ORG.BR/INDEX.PHP/2023/05/CHATGPT-POTENCIALIDADES-E-RISCOS-PARA-AEDUCACAO/](http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/05/chatgpt-potencialidades-e-riscos-para-a-educacao/). ACESSO:02 JUN. 2025.

PORTELA, M. C. S.; BONFIM, M. A. UM PRESENTE PARA O FUTURO: A DISTOPIA CONTEMPORÂNEA E SUAS INTERSEÇÕES COM A EXPERIÊNCIA PÓS-MODERNA. **LITERATURA E AUTORITARISMO**, [S. L.], n. 22, 2019. DOI: 10.5902/1679849X39202. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFSM.BR/LA/ARTICLE/VIEW/39202](https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/39202). ACESSO EM: 2 SET. 2025.

REDES SOCIAIS PASSAM DOS 5 BILHÕES DE USUÁRIOS, REVELA INFORME. **O GLOBO**, PARIS, 31 JAN. 2024. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://OGLOBO.GLOBO.COM/ECONOMIA/TECNOLOGIA/NOTICIA/2024/01/31/REDES-SOCIAIS-PASSAM-DOS-5-BILHOES-DE-USUARIOS-REVELA-INFORME.GHTML](https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/01/31/redes-sociais-passam-dos-5-bilhoes-de-usuarios-revela-informe.ghtml)

SCHROEDER, L. **MINISTÉRIO COMPARTILHOU LINK DE CANAL COM PEDIDO DE GOLPE DE ESTADO EM 2022**. CNN. SÃO PAULO, 2025. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.CNNBRASIL.COM.BR/POLITICA/MINISTERIO-COMPARTILHOU-LINK-DE-CANAL-COM-PEDIDO-DE-GOLPE-DE-ESTADO-EM-2022/](https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ministerio-compartilhou-link-de-canal-com-pedido-de-golpe-de-estado-em-2022/)

SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2017

SIGNIFICADOS. **DISTOPIA**: QUAL É O SIGNIFICADO. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.SIGNIFICADOS.COM.BR/DISTOPIA/](https://www.significados.com.br/distopia/). ACESSO EM: 2 JUN. 2025.

STAKE, ROBERT E. **PESQUISA QUALITATIVA**: ESTUDANDO COMO AS COISAS FUNCIONAM. PORTO ALEGRE: PENSO, 2011.